



**LEGIÃO URBANA:
a dimensão da musicalidade e os sentidos através de gerações¹**

Marcos Alves Martins Geminiano*

RESUMO

Propomos com esta pesquisa analisar pelo viés teórico da Análise de Discurso os conceitos: ideologia e efeitos de sentidos incorporada na canção da Banda Legião Urbana, intitulada Geração Coca-Cola. Nosso foco será o vocalista e líder da Banda, Renato Manfredini Júnior ou, simplesmente, Renato Russo. As noções operatórias que enfatizamos foram: o sujeito e a ideologia na construção poética da canção procurando identificar como ocorreu e como se processaram as relações ideológicas vigentes no contexto e produção. Queremos relacionar o pensar que se altera durante as leituras devidas, ou seja, como se constitui a materialidade linguística, histórica e ideológica dentro do contexto.

Palavras-chaves: Análise de discurso. Sujeito. Ideologia. Musicalidade. Efeitos de Sentido.

1 INTRODUÇÃO

A banda Legião Urbana teve como líder e mentor, Renato Manfredini Júnior, ou simplesmente Renato Russo, filho de uma família de classe média e isso o levou a ter acesso à educação privilegiada. Ele era de personalidade forte e marcante e se imortalizou através de suas canções.

Este artigo apresenta como principal pressuposto teórico a Análise do Discurso (AD) Francesa e aqui apresentamos um breve relato, buscando definir os principais elementos que constitui esta disciplina.

Com este trabalho queremos mostrar que o líder da banda cativou milhares de fãs espalhados de norte a sul deste país e depois de ser descoberto com outros olhos, se instalou

¹ Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010/2, sob a orientação do Me. Ronaldo Teodoro.

* Graduado em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010/2. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT / Sinop (2011/2012).

sobre ele um novo olhar. E nós conscientes de que a totalidade da AD dentro do que se pressupõe é ilimitada, e que a cada nova leitura ela condiciona o sujeito de uma forma diferente, quer seja o analista quer seja no discurso, acreditamos ser a linha certa de pesquisa para o nosso objetivo, tendo em vista que ela é tão dinâmica, complexa e sedutora para os olhos de quem a pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos brevemente a parte teórica que nos orientou em nossa pesquisa que é a Análise do Discurso.

De acordo com Maingueneau (1989), a Análise do Discurso surgiu na França na década de 1960, do século passado tendo na frente deste processo o filósofo Michael Pêcheux, que agregou três linhas de pressupostos teóricos, a Linguística (que transmite a noção de fala para dentro do discurso), o Materialismo histórico (ideológico) e da Psicanálise (inconsciente).

Vale ressaltar que há esta ruptura com a Linguística tradicional, no auge dos estudos linguísticos, abrindo esta nova frente de pensamentos, se (re) descobrindo uma nova ciência, ganhando desta forma uma nova visão para pensá-lo.

Deste formato, Orlandi (2001, p.15) faz a seguinte definição:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua trajetória.

A linguística procura dar a sustentação, na qual as relações que expõem uma ou mais características de descrição dos interlocutores, que envolvidos no discurso ocorre uma troca de valores, sendo executadas incide justamente o acréscimo destas identidades, como se ocorresse um jogo de imagens, reflexos partem exatamente dos valores discursivos existentes, no qual cada indivíduo carrega.

Pêcheux (1997, p.51-52) compartilha seu saber assim:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um

trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. Esta fronteira entre dois espaços é tanto mais difícil de determinar na medida em que existe, toda uma zona intermediária de processos discursivos (derivando do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno dela. Já nesta região discursiva intermediária, as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar: os acontecimentos têm e não tem lugar, segundo, as construções discursivas nas quais se encontram inscritos os enunciados que sustentam esses objetos e acontecimentos.

O Materialismo Histórico (ideológico) estrutura o sujeito no qual ele é parte integrante de uma sociedade dividida em camadas sociais compondo uma pirâmide social, onde cada um desempenha uma função, sendo um membro, que forma uma engrenagem, porém este mesmo sujeito não tem autonomia para representar tal sociedade e tendo a sua importância conforme a sua formação e qualificação, desta configuração o sujeito é fragmentado e interage neste meio somente quando aparecem às oportunidades, sendo que cada situação é fornecida um determinado tipo de papel, e este deve estar atento e familiarizado sobre o contexto histórico-social.

Sendo assim, Mussalim (2003, p.103) temos o seguinte raciocínio:

Ao propor-se a investigar o que determina as condições de reprodução social, Althusser parte de pressuposto de que as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Trata-se do materialismo histórico, que dá ênfase à materialidade da existência, rompendo com a pretensão idealista, de ciência de dominar o objeto de estudo controlando-o a partir de um procedimento administrativo aplicável a um determinado universo, como se a sua existência se desse no nível das ideias.

A Psicanálise foi uma referência para AD, quando Lacan faz uma nova interpretação de Freud, resultando numa tentativa mais precisa abordar o inconsciente, situando este como um lugar do desconhecido, onde brota os vários discursos conhecidos como referenciais, sendo estes: família, religião, leis, enfim o ‘Outro’. Ressaltamos Mussalim (2003, p.103).

Apoiado em alguns critérios do estruturalismo linguístico, Lacan aborda esse inconsciente, demonstrando que existe uma estrutura discursiva que é rígida por leis. Decorrem dessa proposta implicações para a psicanálise. A que mais diretamente interessa à AD diz respeito ao conceito de sujeito, definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem, portanto, já que Lacan, “a linguagem é condição do inconsciente”.

O processo de constituição que a AD passou foram marcados por três etapas, na AD1 foi conhecida como ‘máquina discursiva’ e tendo como referência ‘análise automática do Discurso’; e a pesquisadora Fernanda Mussalim (2001) nos fornece subsídios para este entendimento da seguinte forma:

a) primeiramente, se seleciona um corpus fechado de sequência discursiva (um exemplo um manifesto político);

b) é feita a análise linguística de cada sequência, considerando as construções sintáticas (de que maneira são estabelecidas as relações entre os enunciados) e o léxico (levantamento de vocabulário);

c) passa-se depois à análise discursiva, que consiste basicamente em construir sítios de identidades a partir da percepção da relação de sinonímia (substituição de uma palavra por outra no contexto) e de paráfrase (sequências substituíveis entre si no contexto) e;

d) por fim, procura-se mostrar que tais relações de sinonímia e paráfrase são decorrentes de uma mesma estrutura geradora do processo discursivo.

No segundo momento, o filósofo francês Michel Foucault define a formação da AD2 da seguinte forma: “Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições da função enunciativa”. (FOUCAULT, 1987, p. 43-44).

Mussalim define a visão de Foucault da seguinte forma: “Em outras palavras, uma FD ‘Formação Discursiva’ determina o que pode/deve ser dito a partir de um determinado lugar social. Assim, uma formação discursiva é marcada por regularidades, ou seja, por regras de formação” (MUSSALINI, 2003, p.119, grifo nosso).

E, desta forma, a AD3, sugere que os vários discursos que aparecem numa FD se formam no núcleo de cada interdiscurso, ocasionando a relação que se fomentara a identidade das FDs onde Mussalim (2003, p. 120) nos completa o raciocínio:

Na AD3, por sua vez, adota-se a perspectiva segundo a qual os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso. Será a relação interdiscursiva, portanto, que estruturará a identidade das FDs em questão.

Portanto, a nossa direção para a interpretação das canções da Banda Legião Urbana será a AD da linha francesa, no qual fornecerá os subsídios necessários para que encontremos as respostas possíveis.

3 ANÁLISE DO DISCURSO INCORPORADO A MÚSICA DA BANDA LEGIÃO URBANA

Partindo do pressuposto de que a AD busca através de dispositivos de interpretações em que o sujeito se constitui na materialidade linguística, histórico e ideológico, a ruptura do evidente, e traz uma nova expectativa, de dissolver as palavras para uma nova realidade.

Assim sendo, observamos que o título da canção **Geração Coca-Cola** nos remete a um dos maiores símbolos do capitalismo norte americano no qual existe uma dominação global em termos de consumo deste produto. Ele atravessou barreiras e fronteiras e está impregnado no subconsciente coletivo mundial.

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A.; de nove às seis

A letra vem de uma forma de indignação, pois transmite a ideia de que já viemos ao mundo de uma forma a aceitar e compactuar com as ideias deste domínio sobre o ‘outro’, que as gerações nascem, amadurecem e terminam formando um círculo vicioso, pois ‘fomos programados’. E isso faz parte de uma ‘cultura’ aculturada, e mostra que somos colonizados permanentemente pelo ‘outro’.

É de grande valia, o pensamento aqui sintetizado pela Orlandi (2001, p.22).

O sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá. A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade.

Entendemos que o sujeito da canção é carregado de ideologias pré-concebidas pelo autor, há um discurso no qual se constrói significados contra um sistema implantado e existe a necessidade real pela mudança. No seguinte fragmento:

Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A., de nove às seis

Transmite-nos a ideia de uma grande parcela deste ‘sucesso’ se deve a mídia como um todo, principalmente a televisiva que tem em sua grade de programação, tanto parte comercial como atrações em horário nobre os ‘enlatados’ no qual são aceitos pacificamente, pois isto já vem de ‘berço’ que remete nascimento, e como uma página em branco pode receber palavras

a serem escritas e ditas como regras a serem seguidas a mídia auxiliam esta divulgação e ao mesmo tempo fatura com as publicidades tendo isto como uma permanente sustentabilidade.

Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial

Remete que tanto a produção cultural e manufaturada é absorvida sem nenhum critério por toda uma geração e que a formação de toda uma sociedade já é pré-determinada a absorver toda uma forma de pensar, do capitalismo imposto pelos Estados Unidos, que está presente desde o nascimento até a formação do cidadão alienado, pois somos constituídos de que tudo o que vem do 'exterior' é algo certo e definitivo, e isto é possível pela mídia que tem o poder de fazer este elo entre o dominante e o dominado.

Contemplamos Orlandi (2007, p.67) a definição de processo discursivo da seguinte maneira:

Começamos por observar o modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto submetido à análise. A partir desse momento estamos em condição de desenvolver a análise, a partir dos vestígios que aí vamos encontrando, podendo ir mais longe, na procura do que chamamos processo discursivo

Contudo, a letra da canção é soada como algo a ser mudado:

Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

Ressaltamos que esta parte pode ser 'percebida' que algo vai mudar e não será mais aceito este modo de pensar, e esta negação imposta pelo 'outro', que a mudança é conquistada por meio da revolução, algo que é contra as ideias pré-existentes, pois o ser burguês sem religião vai ao encontro de que a classe média é formada por pessoas 'pensantes' e 'sem religião' não é ligada a nenhuma ideia pronta, pois as maiores revoluções e mudanças aconteceram e acontecem através das sociedades organizadas, no qual a burguesia faz parte e ao mesmo tempo este futuro é o agora, a geração que não deve aceitar o que esta formatada, mudar o presente para que o futuro da nação seja 'outro'.

Ainda temos o seguinte posicionamento Orlandi (2001, p.27) em relação ao sujeito e a ideologia:

A língua – para a análise de discurso – não se reduz ao jogo significativo abstrato. Para significar, insistimos, a língua se inscreve na história. A descrição não é um cálculo de deslocamentos na rede da filiação de sentidos, ela abre sobre a interpretação. Há um trabalho do sentido sobre o sentido: estar na língua com os gestos de interpretação significa ser trabalhado pela língua numa perspectiva discursiva na qual a língua faz sentido, em que ela é afetada pela história, perspectiva em que não separamos de modo rígido estrutura e acontecimento.

O sujeito como percebemos está carregado de ideologia, mesmo que não nos damos conta, este dispositivo é a base para se formar o jogo da intencionalidade, que aparece conscientemente ou inconscientemente no decorrer do discurso do sujeito.

Nesta parte da canção é fechada com as indignações e formula ações a serem feitas para que a mudança ocorra;

Depois de 20 anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser

Após tanto tempo sendo doutrinado foi feito a ordem inversa, o ‘jogo’ foi aprendido e a ordem de valores será a mudança almejada, o aprendizado é maléfico, como gerações que estão impregnadas de submissão e se transforma em benéfico ao mesmo tempo, pois ela resgata a capacidade de mudança.

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis

As crianças podem significar o novo, a geração que vem que se renova é por elas que se começa a mudança, terão o poder de derrubar ‘reis’ que formulam as leis e transformar estas leis em roteiro de filme de diversão, nada a sério.

Orlandi (2007, p.68) define a historicidade da seguinte maneira:

O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele), mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como relação de causa-e efeito. Não vemos nos textos os “conteúdos” da história. Eles são tomados como discursos, em cuja materialidade esta inscrita a relação com a exterioridade. Entre a evidência empírica e o cálculo formal exato, trabalhamos na Análise de Discurso, em uma região menos visível, menos óbvia e menos demonstrável, mas igualmente relevante, que é a da materialidade histórica da linguagem.

As canções da Legião Urbana são reflexos de uma criatividade amadurecida, com conhecimento intelectual precoce do Líder da Banda Renato Russo, ele transforma suas canções em poética, onde o discurso político é claro, exterioriza de uma maneira no qual seus fãs absorvem de uma maneira sólida, sem meias palavras, carregando em seus versos ‘vozes’ que se multiplicam em cada refrão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa realizada, percebemos a construção histórica ideológica contida nas canções analisadas, contudo tais sentidos são ilimitados do ponto de vista de cada analista, por ser considerar um objeto de estudo em que o discurso não é estático, merecedor de vários olhares, na busca de cada nova (re)descoberta.

Podemos ressaltar neste caso a contribuição de Pêcheux (1997, p.54) especificamente;

É neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há outro próprio ao linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes.

Os aspectos ideológicos inseridos nesta leitura nos remetem em que o sujeito discursivo se projeta na história tendo uma visão privilegiada dos acontecimentos, que se faz uso de suas ideologias para expor suas relações interdiscursivas.

A própria situação inserida na história, que cada um imprime pode ter um resultado diferente, no trilhar de novas pesquisas os analistas futuros poderão ser realimentar de outras formas, um novo olhar, mostrando como a linguagem e o discurso em si é completo de hipóteses infinitas.

Creio que o objetivo desta, como outras pesquisas é contribuir para o meio acadêmico produzir novas pesquisas, partindo de pressupostos que os atrai a instigar por novos caminhos e se deparar com o saber, o novo é o que move todo pesquisador.

Desta forma se fez o descortinar , os sentidos inseridos encontrados numa determinada situação se minimizaram, aprendemos as relações colocadas em condições onde cada sujeito procurar dizer o que pode e o que não pode ser dito.

LEGIÃO URBANA:

the extent of musicality and senses through of the generations

ABSTRACT²

We propose with this research to analyze by theoretical bias of Discourse Analysis the concepts: ideology and senses effects incorporate in song of the Legião Urbana Band, with title **Geração Coca-Cola**. Our focus will be the lead singer and leader of band Renato Manfredini Junior or simply Renato Russo. The operative nations that we emphasize are: the character and the ideology in poetic build of song seeking to identify how happened and how if sued the ideologies relations valid in context and production. We want to relate the thinking that alter during the due reading, in other words, how if constituted the linguistics materiality, history and ideology within context.

Keywords: Analysis Discourse. Character. Ideology. Musicality. Effects Sense.

REFERÊNCIAS

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras V. 2**. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. A Leitura proposta e os leitores possíveis. In: _____. (Org). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998.

_____. **Discurso e Leitura**. 6. ed. Campinas: Cortez, 2001.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. **A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 4.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2.ed. Campinas: Pontes, 1997.

² Transcrição realizada pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**) e revisão pela aluna Gisely Noeli Vanderlinde, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.